

Paulino Nogueira

Abner C. L. de Vasconcelos

Exmas. Senhoras,

Meus Senhores :

O Instituto do Ceará comemora hoje o centenário de nascimento de um dos seus maiores sócios fundadores, o Des. Paulino Nogueira. Cabe-nos, por isso, o dever de lembrar, nesta data auspiciosa, o vulto eminente que tanto enobreceu o seu estado e a sua época, através de uma vida modelar, quer pública, quer privada.

Segundo a sábia lição da Bíblia, não devemos louvar os homens antes da morte — *Ante mortem ne laudes hominem quem-quam* —, o que importa dizer que, depois da vida, o louvor deve constituir uma merecida recompensa, edificante para a posteridade.

Os homens nascem todos iguais perante as leis da natureza. Porém as diferenciações de sentimentos e de inteligência criam entre eles uma escola variadíssima de dissemelhanças. Daí, a formulação do princípio sociológico de que a desigualdade é a regra predominante entre os indivíduos.

Na massa amorfa dos seres que se comprimem na grande luta pela vida, como as árvores de porte gigantesco na floresta, destacam-se os vultos que, na expressão das realidades sociais, refletem o poder do talento, da cultura, dos grandes predicados do caráter e do patriotismo, dos que impulsionam a administração, o trabalho, a riqueza—fontes fecundas de solidariedade humana.

Assim, fixar no tempo o papel que representou determinada individualidade, é examinar os fatores que lhe exerceram predominância na formação moral e cultural, suas tendências inatas e as diretrizes que significam atos de vontade, mas nem sempre certas, quando se desviam dos caminhos que deveriam ter sido trilhados, na conformidade da nossa natureza. Isso, por que o homem não nasce para ser o que quer

e, sim, para aquilo que trouxe como inclinação instintiva. Contrariar essa tendência é sacrificar o interesse público, desde que todos nós somos função desse grande e complexo organismo que é a sociedade.

É comum vermos individualidades de valor flutuarem na vida em vários setores de atividade; podem mesmo ter destacado relevo, dado o vigor de sua inteligência e o desdobramento de sua capacidade de trabalho. Um dia, porém, ei-los nas funções dos seus pendores naturais e, então, o resultado é muito mais profícuo, tem mais brilho, mais expressão, maior beleza moral. A ética profissional irradia tão forte fluido de emulação, que desperta entusiasmo, tendências individuais análogas, para destaque pessoal, enriquecimento das classes e benefício coletivo.

A sociedade tem, conseqüentemente, um interesse vital no adequado aproveitamento dos seus homens.

Paulino Nogueira foi um predestinado para as letras.

É que, no dizer de Sertillanges, a vocação intelectual é como as demais vocações: está inscrita nos nossos instintos, nas nossas capacidades, em um não-sei-quê de entusiasmo interior sujeito ao exame da razão. E o estudo de uma vocação importa a vantagem incalculável de o homem se realizar plenamente a si próprio.

Alem disso, cada um é o artífice da sua própria fortuna —*Faber est suae quisque fortunae*—, como dizia o poeta latino.

Nascido na pobreza, Paulino Nogueira fez da força de vontade a panóplia que o havia de levar à vitória. Vencendo todos os obstáculos da caminhada áspera em que empenhara a sua mocidade jovial, cheio dos ardores da confiança, conseguiu a desejada láurea jurídica. Ingressou no Ministério Público, carreira nobre, vestibular da Magistratura. Não tardou, porém, a tomar outros ramos, levado por conveniências pessoais. Ora o funcionalismo burocrático o atraía, ora o professorado, a política, a administração, o jornalismo, a advocacia. Mas, em qualquer dessas atividades, Paulino Nogueira imprimia o selo forte de sua inteligência, do seu caráter, sempre através dos encantos de um bom humor que tanto o distinguia e o enobrecia. A ele se podem aplicar as palavras de Tello de Mendoza, no formoso livro das suas *Intimidades*: «Eis por que não perdeu jamais as purezas de que vive o espírito, nem os entusiasmos que rejuvenecem o coração.»

A bondade é o traço mais forte do sentimento e está em relação direta com o espírito de justiça, formando ambos o pedestal mais forte do caráter. A honestidade, como manifestação máxima do dever, é-lhes uma consequência inevitável,

completando o quadro moral de maior prestígio que se irradia da personalidade humana. Esse conjunto de predicados não é, porém, uma aquisição espontânea. Embora haja incontestavelmente uma predisposição hereditária para as qualidades elevadas do espírito e do coração, por que, segundo Letourneau, as modalidades psíquicas dos centros nervosos transmitem-se em larga escala nas gerações, contudo elas se aprimoram pelo cultivo, pelo esforço pessoal de galgar os degraus dessa ascensão delicada, cheia de tantas belezas, pelo mundo objetivo das virtudes.

Paulino Nogueira palmilhou numerosos caminhos à cata de um pouso definitivo para as atividades do seu espírito. Pela política, em que se enveredou e venceu, encerrou bruscamente a carreira, para não sacrificar a verdade, nem asfixiar na garganta a voz imperiosa da justiça. E, num gesto que se tornou histórico no parlamento do Império, desistiu de contestar as eleições em que era candidato e proclamou a vitória do seu contendor. Só uma organização de grande sensibilidade moral e de coragem cívica rende uma homenagem dessa espécie ao direito alheio, num país que, infelizmente, nunca primou pelo respeito ao direito político. Como jornalista, edificou os seus coevos com a mais bela lição de ética profissional. Combativo e arguto, jamais desceu das esferas elevadas dos princípios, por que nunca o interessou o lado pessoal da política, que o jornalismo pátrio tanto se compraz em explorar. A crítica da época reconheceu essa verdade, quando disse que à frente de seu jornal ele se batia galhardamente, e nunca de sua pena, sempre gentil, caiu uma frase, uma palavra sequer que destoasse da aristocrática correção de maneiras, que constituía um dos traços característicos de sua individualidade.

Infelizmente, não dispôs de tempo para perquirir os arquivos e surpreender o trabalho advocacional de Paulino Nogueira.

Dentro da vida ativa do direito, num setor de tantos perigos para os que por ventura não tenham uma rica formação moral, cheia de brilhos de inteligência e de ética deve ter sido a sua contribuição para o foro, no último decênio da Monarquia, quando exercitou a profissão.

Forrado de cultura clássica, literária e jurídica, dotado de estilo e de saber vernáculo, penetrando nas raízes históricas dos fatos e das cousas, e possuidor de grande capacidade de trabalho, devem estar no silêncio dos arquivos magníficos escritos seus.

Data dessa época a fundação do Instituto do Ceará, para o qual ele contribuiu com o mais precioso contingente dos

seus esforços mentais, tendo sido o seu primeiro presidente. A nossa gloriosa Revista guarda estudos do mais fino quilate, em variados departamentos culturais, que atestam o valor da sua cerebração.

Paulino Nogueira muito escreveu sobre a história da nossa terra, elucidando os fatos da administração pública, na sequência cronológica dos governos, e sobre importantes acontecimentos políticos do passado. Mas o que mais avulta, como valor cultural, é a sua pouco conhecida monografia sobre o vocabulário indígena cearense, com que tanto enriqueceu a língua nacional, e que é uma obra erudita, de real significação literária.

A proclamação da República veio exercer a mais notável influência na vida pública de Paulino Nogueira, integrando-o no destino para que fora talhado e de que cedo se afastara. Homem sereno, modesto, inteligente e culto, de uma honestidade inatacável, tendo no mais alto apreço a noção do direito e da justiça,—nasceu para ser juiz! Aliás, Cícero já ponderava, no *Tratado dos Deveres*, de acordo com os filósofos do seu tempo, que as virtudes se enlaçam de tal forma, que não se pode possuir uma, sem que se não possuam as outras. Daí, por que Plutarco dizia que há uma só virtude, sob variados nomes.

Os republicanos cearenses de 1892, embora mutilando o poder judiciário, que Campos Sales tanto quis preservar, foram inspirados na substituição dos velhos juizes estaduais. E eis que o Tribunal de Justiça foi enriquecido com a egrégia personalidade de Paulino Nogueira, ao lado de Sabino do Monte, vulto também de projeção intelectual e jurídica.

Encontrou assim o nosso preclaro homenageado, por um golpe feliz da política, o seu verdadeiro *habitat*.

Ficou assim integrado na grande carreira da sua vocação.

A justiça grangeou, de certo, maior confiança, vendo o público como garantia dos seus direitos uma figura de porte moral tão elevado e de saber reconhecidamente comprovado. Os anais judiciários estão cheios dos fragmentos da riqueza de espírito desse nobre juiz. As suas decisões, em regra concisas, refletem firmeza jurídica, acerto e alto sentimento de justiça. O estilo é sóbrio e observa a técnica em voga na sua época.

Sempre li com admiração e agrado os trabalhos judiciais do Des. Paulino Nogueira. É verdade que, quando entrei para o serviço de justiça, já levava do proveito juiz uma viva recordação cimentada pela estima, através do convívio académico. Fui seu discípulo e amigo. Além disso, entre nós dois,

havia a pessoa de meu Pai, que lhe tinha muita amizade e de quem fazia o mais alto conceito. Por todos os motivos, era forte em mim o poder de atração pelo preclaro juiz e professor, estimado por todos, mercê dos seus excelentes predicados.

Foi como componente egrégio da magistratura, que culminou a atuação social de Paulino Nogueira, por que era a profissão que, a um mesmo tempo, lhe punha em atividade todos os atributos e sentimentos nobres que conduzem às afirmações da Justiça.

E a tradição que deixou entre os seus contemporâneos e se projetou para a posteridade, é a de uma figura que se impôs pelo seu valor moral e pela solidez da sua cultura.

Se eram fortes as características individuais de Paulino Nogueira, que lhe dão relevo na história cultural da nossa terra, mostrava ainda, por um outro prisma de alcance mais delicado, ser um varão sábio e prudente, no verdadeiro sentido da espiritualidade.

A grandeza da inteligência e as cintilantes aquisições do saber, que tanto orgulho e vaidade espalham sempre entre os intelectuais, não impediram em Paulino Nogueira os movimentos para a contemplação das belezas eternas.

Dotado de pronunciada sensibilidade moral, teve a felicidade de possuir olhos interiores que surpreendiam os amplos e sugestivos horizontes espirituais que, perdendo de vista as raias da matéria, dentro das quais a humanidade se agita e se destrói, entreveem os esplendores sem par da eternidade!

Feliz de quem na terra tem essa dupla visão das cousas!

O destino humano não é unilateral, não se limita à pequena porção de tempo em que o organismo floresce, ilumina, declina e se extingue.

Há na vida um sentido especial, que descortina panoramas etéreos, que o olhar comum desconhece.

A indiferença é um dos obstáculos que fecham o mundo interior à contemplação comovedora dessa suprema verdade metafísica, gerando a descrença, que é o mal de maiores proporções que pesa sobre os destinos do espírito.

Paulino Nogueira foi um homem simples, bom, virtuoso, sem prejuízo das suas qualidades de inteligência e de cultura. Possuindo uma fé lúcida e intrépida, revestia a sua individualidade com a força mais resistente para vencer, com brilho e dignidade, em todas as etapas de sua longa carreira.

Aí está o segredo da bondade e da consciência tranquila, o culto do direito e da justiça, na vida de Paulino Nogueira. Viveu na terra fazendo o bem e exemplificando o próximo,

por que sabia que as virtudes são perfumes do céu, de cuja inspiração procedem.

Homem temente a Deus, soube cumprir seu dever, sem se ter descuidado de deixar uma obra de beleza intelectual, contribuição à arte imortal do espírito. E assim, tendo fechado os olhos à matéria, participa das glórias na Cidade Eterna, como o justo prêmio prometido aos observadores do decálogo, síntese divina da ciência da vida.

Na terra, deixou um nome aureolado de benemerências, como modelo de chefe de família, como cidadão que se comovia pelo próximo, como escritor que não conspurcou a moral, como jurista que enobreceu a sua ciência, como juiz que sempre viu na justiça o reflexo de um dom supremo, a que deu o melhor do seu espírito culto e do seu coração generoso, e que se projeta ainda na vida cultural desta instituição, através da inteligência erudita de seu digníssimo filho, o Dr. João Nogueira.

O Instituto rende assim a melhor das suas homenagens à memória do seu sempre lembrado presidente, na passagem do seu centenário. (*)

(*) Discurso proferido na sessão de 4 de Março, em que o Instituto celebrou o centenário de nascimento de Paulino Nogueira.